

Capítulo 27 – “Podes tornar-me limpo”

Este capítulo é baseado em Mateus 8:2-4; 9:1-8, 32-34; Marcos 1:40-45; 2:1-12; Lucas 5:12-28.

De todas as doenças conhecidas no Oriente, era a lepra a mais temida. Seu caráter incurável e contagioso, o terrível efeito sobre as vítimas, enchiam de temor os mais valorosos. Entre os judeus, era considerada um juízo sobre o pecado, sendo por isso chamada: “o açoite”, “o dedo de Deus”. Profundamente arraigada, mortal, era tida como símbolo do pecado. A lei ritual declarava imundo o leproso. Como pessoa já morta, era excluído das habitações dos homens. Tudo que tocava ficava imundo. O ar era poluído por seu hálito. Uma pessoa suspeita dessa moléstia, devia-se apresentar aos sacerdotes, que tinham de examinar e decidir o caso. Sendo declarado leproso, era separado da família, isolado da congregação de Israel, e condenado a conviver unicamente com os aflitos de idêntico mal. A lei era inflexível em suas exigências. Os próprios reis e principais não estavam isentos. Um rei atacado dessa terrível moléstia, tinha de renunciar ao cetro e fugir da sociedade. {DTN 177.1}

Separado de amigos e parentes, devia o leproso sofrer a maldição de sua enfermidade. Era obrigado a publicar a própria desgraça, a rasgar os vestidos, a fazer soar o alarme, advertindo todos para fugirem de sua contaminadora presença. O grito “impuro! impuro!” soltado em lamentosos tons pelo pobre exilado, era um sinal ouvido com temor e aversão. {DTN 177.2}

Na região do ministério de Cristo, havia muitos desses sofredores, e as novas de Sua obra chegaram até eles, suscitando um lampejo de esperança. Mas desde os dias do profeta Eliseu, nunca se ouvira falar de coisa tal como a cura de uma pessoa atacada dessa moléstia. Não ousavam esperar que Jesus fizesse em seu benefício aquilo que nunca realizara por homem algum. Houve, entretanto, alguém em cujo coração a fé começou a brotar. Mas não sabia como se aproximar de Jesus. Excluído como estava do contato dos semelhantes, como se haveria de apresentar ao Médico? E cogitou se Cristo o curaria a ele. Deter-Se-ia para atender a uma pessoa que se julgava estar sofrendo sob o juízo de Deus? Não haveria de, à semelhança dos fariseus, e mesmo dos médicos, proferir sobre ele uma maldição, advertindo-o a que fugisse da morada dos homens? Pensava em tudo quanto lhe fora dito de Jesus. Nenhum dos que lhe buscavam o auxílio fora repellido. O infeliz decidiu procurar o Salvador. Embora excluído das cidades, podia ser que acontecesse atravessar-Lhe o caminho em algum atalho das montanhas, ou encontrá-Lo enquanto ensinava fora das cidades. Grandes eram as dificuldades, mas constituía essa sua única esperança. {DTN 177.3}

O leproso é guiado ao Salvador. Jesus está ensinando à margem do lago, e o povo reunido ao Seu redor. Ficando a distância, apanha algumas palavras dos lábios de Jesus. Observa-O a colocar as mãos sobre os enfermos. Vê o coxo, o cego, o paraplégico e os que estavam a perecer de várias moléstias, erguerem-se com saúde, louvando a Deus por seu livramento. A fé se lhe fortalece no coração. Aproxima-se mais e mais ainda da multidão reunida. As restrições que lhe são impostas, a segurança do povo e o temor com que todos o olhavam, tudo foi esquecido. Pensa tão-somente na bendita esperança da cura. {DTN 178.1}

Esse doente oferece um repugnante espetáculo. A moléstia fizera terríveis incursões, e é horrível ver-se-lhe o corpo em decomposição. Ao avistá-lo, o povo recua apavorado. Compridem-se uns contra os outros, a fim de escapar-lhe ao contato. Alguns

tentam impedi-lo de se aproximar de Jesus, mas em vão. Ele não os vê nem os ouve. Suas expressões de repugnância não o atingem. Vê unicamente o Filho de Deus. Não escuta senão a voz que comunica vida ao moribundo. Avançando para Jesus, atira-se-Lhe aos pés com o grito: “Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo.” {DTN 178.2}

Jesus replicou: “Quero: sê limpo”. Mateus 8:2, 3. E pôs-lhe a mão em cima. Operou-se imediatamente uma transformação no leproso. Sua carne tornou-se sã, os nervos sensíveis, firmes os músculos. A aspereza e escamosidade peculiares à lepra, desapareceram, sendo substituídas por suave colorido, como o da pele de uma saudável criança. {DTN 178.3}

Jesus recomendou ao homem que não divulgasse a obra que realizara, mas fosse imediatamente apresentar-se com uma oferta no templo. Essa oferta não podia ser aceita enquanto os sacerdotes não examinassem o homem, declarando-o inteiramente livre da moléstia. Embora de má vontade para realizar esse serviço, não se podiam eximir ao exame e decisão do caso. {DTN 178.4}

As palavras da Escritura mostram com que força Cristo advertiu o homem quanto à necessidade de silêncio e ação pronta. “E advertindo-o severamente, logo o despediu. E disse-lhe: Olha, não digas nada a ninguém; porém vai, mostra-te ao sacerdote, e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho”. Marcos 1:43, 44. Houvessem os sacerdotes sabido os fatos concernentes à cura do leproso, e seu ódio para com Cristo os teria levado a dar sentença desonesta. Jesus queria que o homem se apresentasse no templo antes que qualquer rumor acerca do milagre chegasse aos ouvidos deles. Assim se poderia obter uma decisão imparcial, sendo ao leproso purificado permitido mais uma vez unir-se com a família e os amigos. {DTN 178.5}

Tinha Cristo ainda outros intuitos ao recomendar silêncio ao homem. O Salvador sabia que Seus inimigos estavam sempre buscando limitar-Lhe a obra, e desviar dEle o povo. Sabia que, se a cura do leproso fosse propalada, outras vítimas dessa terrível doença haviam de aglomerar-se em volta dEle, e então ergueriam o brado de que o povo se contaminaria pelo contato com elas. Muitos dos leprosos não empregariam o dom da saúde de modo a torná-la uma bênção para si mesmos e para outros. E, atraindo a Si os leprosos, acusá-Lo-iam de estar violando as restrições da lei ritual. E assim seria prejudicada Sua obra quanto à pregação do evangelho. {DTN 178.6}

O acontecimento justificava a advertência de Cristo. Uma multidão de gente presenciara a cura do leproso, e estavam ansiosos de ouvir a decisão dos sacerdotes. Quando o homem voltou para os amigos, grande foi o despertamento. Não obstante a precaução de Jesus, o homem não fez esforço nenhum para ocultar a cura. Na verdade, impossível teria sido escondê-la, mas o leproso divulgou-a. Imaginando que era somente a modéstia de Jesus que ditara essa restrição, saiu proclamando o poder desse grande Restaurador. Não compreendia que toda manifestação dessa espécie tornava os sacerdotes e anciãos mais decididos a eliminar a Jesus. O homem restaurado sentia ser deveras preciosa a graça da saúde. Regozijou-se no vigor da varonilidade, e no ser restituído à família e à sociedade, e julgava ser impossível abster-se de dar glória ao Médico que o curara. Esse seu ato, porém, de divulgar o caso, deu em resultado prejuízo para a obra do Salvador. Fez com que o povo se aglomerasse em torno dEle em tal multidão, que foi forçado a interromper por algum tempo Suas atividades. {DTN 179.1}

Todo ato do ministério de Cristo era de vasto alcance em seus desígnios. Envolvia mais do que o ato em si mesmo parecia encerrar. Foi o que se deu no caso do leproso. Ao passo que Jesus ministrava a todos quantos iam ter com Ele, anelava beneficiar os que não iam. Ao mesmo tempo que atraía os gentios e os samaritanos, almejava chegar aos sacerdotes e aos mestres excluídos pelos preconceitos e tradições. Não deixou de tentar meio algum pelo qual pudessem ser alcançados. Ao enviar o leproso

aos sacerdotes, proporcionou-lhes o testemunho calculado a desarmar-lhes os preconceitos. {DTN 179.2}

Haviam os fariseus declarado que os ensinamentos de Cristo eram contrários à lei dada por Deus mediante Moisés; mas Suas instruções ao leproso purificado, de apresentar uma oferta segundo a lei, refutavam essa acusação. Era suficiente testemunho para todos quantos estivessem dispostos a convencer-se. {DTN 179.3}

Os dirigentes, em Jerusalém, tinham enviado espias a fim de procurar qualquer pretexto para matar a Cristo. Ele respondeu apresentando-lhes uma prova de Seu amor pela humanidade, Seu respeito pela lei, e o poder que tinha de libertar do pecado e da morte. Assim lhes deu testemunho: “Deram-Me mal pelo bem, e ódio pelo Meu amor”. **Salmos 109:5**. Aquele que deu no monte o preceito: “Amai os vossos inimigos” (**Mateus 5:44**), exemplificou Ele próprio o princípio, não tornando “mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo”. **1 Pedro 3:9**. {DTN 179.4}

Os mesmos sacerdotes que haviam condenado o leproso ao banimento, atestaram-lhe a cura. Essa sentença, proferida e registrada publicamente, constituía firme testemunho em favor de Cristo. E ao ser o homem reintegrado, sadio, na congregação de Israel, sob a afirmação dos próprios sacerdotes de que não havia nele vestígio da moléstia, tornou-se vivo testemunho de seu Benfeitor. Apresentou alegremente a oferta, e engrandeceu o nome de Jesus. Os sacerdotes estavam convencidos do divino poder do Salvador. Foi-lhes dada a oportunidade de conhecer a verdade e serem beneficiados pela luz. Rejeitada, ela passaria, para nunca mais voltar. Muitos rejeitaram a luz; ela não foi, todavia, dada em vão. Foram tocados muitos corações que, por algum tempo, não deram disso sinal. Durante a vida do Salvador, Sua missão parecia despertar pouca correspondência de amor da parte dos sacerdotes e mestres; depois de Sua ascensão, porém, “grande parte dos sacerdotes obedecia à fé”. **Atos dos Apóstolos 6:7**. {DTN 180.1}

A obra de Cristo em purificar o leproso de sua terrível doença, é uma ilustração de Sua obra em libertar a pessoa do pecado. O homem que foi ter com Jesus estava cheio de lepra. O mortal veneno da moléstia penetrara-lhe todo o corpo. Os discípulos procuraram impedir o Mestre de o tocar; pois aquele que tocava num leproso, tornava-se por sua vez imundo. Pondo a mão sobre o doente, porém, Jesus não sofreu nenhuma contaminação. Seu contato comunicou poder vitalizante. Foi purificada a lepra. O mesmo se dá quanto à lepra do pecado — profundamente arraigada, mortal e impossível de ser purificada por poder humano. “Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até a cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres”. **Isaias 1:5, 6**. Mas Jesus, vindo habitar na humanidade, não recebe nenhuma contaminação. Sua presença tem virtude que cura o pecador. Quem quer que Lhe caia de joelhos aos pés, dizendo com fé: “Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo”, ouvirá a resposta: “Quero: sê limpo”. **Mateus 8:2, 3**. {DTN 180.2}

Em alguns casos de cura, Jesus não concedeu imediatamente a bênção buscada. No caso da lepra, todavia, tão depressa foi feito o apelo, seguiu-se a promessa. Quando pedimos bênçãos terrestres, a resposta a nossa oração talvez seja retardada, ou Deus nos dê outra coisa que não aquilo que pedimos; não assim, porém, quando pedimos livramento do pecado. É Sua vontade limpar-nos dele, tornar-nos Seus filhos, e habilitar-nos a viver uma vida santa. Cristo “Se deu a Si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai”. **Gálatas 1:4**. E “esta é a confiança que temos nEle, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a Sua vontade, Ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que Lhe fizemos”. **1 João 5:14, 15**. “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça”. **1 João 1:9**. {DTN 180.3}

Na cura do paralítico de Cafarnaum, Cristo tornou a ensinar a mesma verdade. Foi para manifestar Seu poder de perdoar pecados, que o milagre se realizou. E

a cura do parálítico também ilustra outras preciosas verdades. É plena de esperança e animação, e do ponto de vista de sua relação para com os astutos fariseus, encerra igualmente uma advertência. {DTN 181.1}

Como o leproso, esse parálítico perdera toda a esperança de restabelecimento. Sua doença era resultado de uma vida pecaminosa, e seus sofrimentos amargurados pelo remorso. Por muito tempo apelara para os fariseus e os doutores, esperando alívio do sofrimento mental e físico. Mas eles friamente o declaravam incurável, abandonando-o à ira de Deus. Os fariseus consideravam a doença como testemunho do desagrado divino, e mantinham-se a distância do enfermo e do necessitado. Todavia, muitas vezes esses próprios que se exaltavam como santos, eram mais culpados que as vítimas que condenavam. {DTN 181.2}

O parálítico achava-se de todo impotente e, não vendo nenhuma perspectiva de auxílio de qualquer lado, caíra no desespero. Ouvira então falar das maravilhosas obras de Jesus. Foi-lhe dito que outros, tão pecadores e desamparados como ele, haviam sido curados; até mesmo leprosos tinham sido purificados. E os amigos que relatavam essas coisas animavam-no a crer que também ele poderia ser curado, caso fosse conduzido a Jesus. Desfaleceu-se-lhe, no entanto, a esperança ao lembrar-se da maneira por que lhe sobreviera a enfermidade. Temeu que o imaculado médico não o tolerasse em Sua presença. {DTN 181.3}

Não era, entretanto, o restabelecimento físico, que desejava tanto, mas o alívio ao fardo do pecado. Se pudesse ver a Jesus, e receber a certeza do perdão e a paz com o Céu, estaria contente de viver ou morrer, segundo a vontade de Deus. O grito do moribundo, era: Oh! se eu pudesse chegar à Sua presença! Não havia tempo a perder; já sua consumida carne começava a mostrar indícios de decomposição. Rogou aos amigos que o conduzissem em seu leito a Jesus, o que empreenderam de boa vontade. Tão compacta, porém, era a multidão que se apinhara dentro e nos arredores da casa em que Se achava o Salvador, que impossível foi ao doente e aos amigos ir até Ele, ou mesmo chegar-Lhe ao alcance da voz. {DTN 181.4}

Jesus estava ensinando na casa de Pedro. Segundo seu costume, os discípulos sentaram-se-Lhe bem próximo, em torno, e “estavam ali assentados fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia e da Judéia, e de Jerusalém”. Estes tinham ido como espias, buscando motivo de acusação contra Jesus. Além desses oficiais, apinhava-se a multidão mista — os sinceros, os reverentes, os curiosos e os incrédulos. Nacionalidades diversas, e todos os graus sociais se achavam representados. “E a virtude do Senhor estava com Ele para curar.” O Espírito de vida pairava por sobre a assembléia, mas fariseus e doutores não Lhe discerniam a presença. Não experimentavam nenhum sentimento de necessidade, e a cura não era para eles. “Encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos”. Lucas 1:53. {DTN 181.5}

Repetidamente procuraram os condutores do parálítico abrir caminho por entre a multidão, mas em vão. O enfermo olhava em derredor de si com indizível angústia. Quando o tão ansiado socorro tão perto estava, como poderia renunciar à esperança? Por sugestão sua, os amigos o levaram ao telhado e, abrindo um buraco no teto, baixaram-no aos pés de Jesus. O discurso foi interrompido. O Salvador contemplou o doloroso semblante, e viu os suplicantes olhos fixos nEle. Compreendeu; tinha atraído a Si aquele perplexo e duvidoso espírito. Enquanto o parálítico ainda se achava em casa, o Salvador infundira-lhe convicção na consciência. Quando se arrependera de seus pecados, e crera no poder de Jesus para o curar, as vitalizantes misericórdias do Salvador haviam começado a beneficiar-lhe o anelante coração. Jesus observara o primeiro lampejo de fé transformar-se em crença de que Ele era o único auxílio do pecador, e vira-o tornar-se mais e mais forte a cada novo esforço para chegar a Sua presença. {DTN 182.1}

Agora, em palavras que soaram qual música aos ouvidos do enfermo, o Salvador disse: “Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados”. **Mateus 9:2.** {DTN 182.2}

O fardo de desespero cai da mente do doente; repousa-lhe no espírito a paz do perdão, brilhando-lhe no semblante. O sofrimento físico desaparece, e todo o seu ser é transformado. O impotente paralítico estava curado, perdoado o culpado pecador! {DTN 182.3}

Em fé singela aceitou as palavras de Jesus como o favor de uma nova vida. Não insiste em nenhum outro pedido, mas permanece em jubiloso silêncio, demasiado feliz para se exprimir em palavras. A luz do Céu irradiava-lhe da fisionomia, e o povo contemplava a cena com assombro. {DTN 182.4}

Os rabis haviam esperado ansiosamente a ver que faria Jesus com esse caso. Lembravam-se de como o homem apelara para eles, em busca de auxílio, e lhe tinham recusado esperança ou simpatia. Não satisfeitos com isso, haviam declarado que estava sofrendo a maldição de Deus por causa de seus pecados. Tudo isso lhes acudiu novamente à lembrança ao verem o enfermo diante de si. Observaram o interesse com que todos contemplavam a cena, e experimentaram terrível temor de perder a influência sobre o povo. {DTN 182.5}

Esses dignitários não trocaram palavras, mas olhando-se leram no rosto uns dos outros o mesmo pensamento de que alguma coisa se devia fazer para deter a onda dos sentimentos. Jesus declarara que os pecados do paralítico estavam perdoados. Os fariseus tomaram essas palavras como blasfêmia, e conceberam a idéia de apresentá-las como pecado digno de morte. Disseram em seu coração: “Ele blasfema; quem pode perdoar pecados senão só Deus?” **Mateus 9:3.** {DTN 182.6}

Fixando sobre eles o olhar, sob o qual se acovardaram e recuaram, disse Jesus: “Por que pensais mal em vossos corações? Pois qual é mais fácil dizer: Perdoados te são os pecados; ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na Terra autoridade para perdoar pecados”, disse então ao paralítico: “Levanta-te, toma a tua cama, e vai para tua casa”. **Mateus 9:4-6.** {DTN 183.1}

Então aquele que fora levado a Cristo num leito, pôs-se de pé num salto, com a elasticidade e o vigor da juventude. A vitalizante seiva agita-se-lhe nas veias. Cada órgão de seu corpo rompe em súbita atividade. As cores da saúde sucedem à palidez da morte próxima. “E levantou-se, e, tomando logo o leito, saiu em presença de todos, de sorte que todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos”. **Marcos 2:12.** {DTN 183.2}

Oh! maravilhoso amor de Cristo, inclinando-se para curar o culpado e o aflito! A Divindade compadecendo-se dos males da sofredora humanidade, e suavizando-os! Oh! maravilhoso poder assim manifestado aos olhos dos filhos dos homens! Quem pode duvidar da mensagem de salvação? Quem pode menosprezar as misericórdias de tão compassivo Redentor? {DTN 183.3}

Nada menos que poder criador era necessário para restituir a saúde àquele decadente corpo. A mesma voz que comunicou vida ao homem criado do pó da terra, transmitiu-a ao moribundo paralítico. E o mesmo poder que dera vida ao corpo, renovara-lhe o coração. Aquele que, na criação, “falou, e tudo se fez”, “mandou, e logo tudo apareceu” (**Salmos 33:9**) comunicara vida à pessoa morta em ofensas e pecados. A cura do corpo era um testemunho do poder que renovara o coração. Cristo pediu ao paralítico que se erguesse e andasse, “para que saibais”, disse Ele, “que o Filho do homem tem na Terra poder para perdoar pecados”. **Marcos 2:10.** {DTN 183.4}

O paralítico encontrou em Cristo cura tanto para o corpo como para o espírito. A cura espiritual foi seguida da restauração física. Essa lição não devia ser desatendida. Existem hoje milhares de vítimas de sofrimentos físicos, os quais, como o paralítico, estão anelando a mensagem: “Perdoados estão os teus pecados.” O fardo do

pecado, com seu desassossego e insatisfeitos desejos, é o fundamento de suas doenças. Não podem encontrar alívio, enquanto não forem ter com o grande Médico. A paz que unicamente Ele pode dar, comunicar vigor à mente e saúde ao corpo. {DTN 183.5}

Jesus veio para “desfazer as obras do diabo”. 1 João 3:8. “NEle estava a vida” (João 1:4) e Ele diz: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância”. João 10:10. Jesus é “espírito vivificante”. 1 Coríntios 15:45. E possui ainda o mesmo poder vitalizante que tinha quando na Terra curava o doente, e assegurava o perdão ao pecador. “Perdoa todas as tuas iniquidades”, “sara todas as tuas enfermidades”. Salmos 103:3. {DTN 183.6}

O efeito produzido sobre o povo pela cura do paralítico, foi como se o Céu se houvesse aberto, revelando as glórias do mundo melhor. Ao passar o homem curado por entre a multidão, bendizendo a Deus a cada passo, e levando sua carga como se fosse uma pena, o povo recuava para lhe dar passagem e presa de assombro fitavam-no, falando entre si brandamente em segredo: “Hoje vimos prodígios.” {DTN 184.1}

Os fariseus estavam mudos de espanto, e esmagados pela derrota. Viram que não havia aí lugar para seu ciúme despertar a multidão. A maravilhosa obra vista no homem que fora entregue à ira de Deus impressionara por tal forma o povo que naquele momento os rabis foram esquecidos. Viram que Cristo possuía um poder que tinham atribuído unicamente a Deus; todavia, a suave dignidade de Sua atitude apresentava assinalado contraste com o porte altivo deles. Ficaram desconcertados e confundidos, reconhecendo, mas não confessando, a presença de um Ser superior. Quanto mais forte era a evidência de que Jesus tinha poder na Terra para perdoar pecados, tanto mais firmemente se entrincheiravam na incredulidade. Da casa de Pedro, onde tinham assistido ao restabelecimento do paralítico por Sua palavra, saíram para formular novos planos, a fim de reduzir ao silêncio o Filho de Deus. {DTN 184.2}

A enfermidade física, se bem que maligna e fundamente arraigada, foi afastada pelo poder de Cristo; a enfermidade espiritual, porém, firmou o império sobre os que fecharam os olhos à luz. A lepra e a paralisia não eram tão terríveis quanto a hipocrisia e a incredulidade. {DTN 184.3}

Na casa do paralítico restaurado foi grande o regozijo quando ele voltou para a família, conduzindo com facilidade o leito em que, pouco antes, fora vagarosamente levado de perto deles. Reuniram-se-lhe em torno com lágrimas de alegria, mal ousando crer no que seus olhos viam. Ali estava ele em sua presença, no pleno vigor da varonilidade. Os braços que tinham visto sem vida, estavam prontos a obedecer imediatamente a sua vontade. A carne, contraída e arroxeadada, achava-se agora rosada e fresca. Caminhava com passo firme e desembaraçado. A alegria e a esperança achavam-se-lhe impressas em cada linha do rosto; e uma expressão de pureza e paz havia substituído os vestígios do pecado e do sofrimento. Daquele lar ascenderam jubilosas ações de graças, e Deus foi glorificado por meio do Filho, que restituíra a esperança ao abatido e força ao aflito. Esse homem e sua família estavam dispostos a dar a vida por Jesus. Nenhuma dúvida lhes enfraquecia a fé, nenhuma incredulidade lhes maculava a lealdade para com Aquele que lhes levava luz ao ensombrado lar. {DTN 184.4}